

Uma noite para conhecer o 'desconhecido do lago'

Festival. O realizador português João Pedro Rodrigues juntou-se ao francês Alain Guiraudie numa sessão no Espaço Nimas na qual apresentaram o vencedor da Queer Palm em Cannes

FLÁVIO GONÇALVES

Longe do frio de outono que nos empurra para dentro do Nimas, da tela branca cintila de súbito uma urgência: nunca é tarde demais para regressar ao verão... Abrimos alas para aquele que é "o mais belo filme do ano" e ainda "do princípio deste século", palavras de João Pedro Rodrigues naquele que foi um dos pontos mais altos da edição deste ano do Lisbon & Estoril Film Festival – a conversa com Alain Guiraudie sobre o inquietante *O Desconhecido do Lago*, premiado pelo cineasta português com a Queer Palm em Cannes 2013.

Poderá parecer ficção científica, mas a verdade é que o descampado que serve de parque de estacionamento ao pé do lago na primeira grande tragédia filmada por Guiraudie "é uma realidade familiar" – de tal modo que indicia todos os cruzamentos entre homens que se desejam consumir para depois desaparecer de vista e sugere sobretudo aquela que é, para o realizador, "a última eclipse do cinema" (o sexo). Essa encruzilhada, ou "engate", propõe o amor e o desejo como protagonistas neste filme ameaçador, que nos coloca perto de um abismo sobre o qual nunca queremos sair e que faz planar aquela que é a questão central do filme para JP Rodrigues: "Até onde posso ir para consumir o meu desejo?"

A dúvida, que se desinteressa por qualquer consideração sociológica, parece vir importada do seu *O Fantasma* (2000), que conversa com a sedução de *O Desconhecido do Lago* – aqui, seguimos Franck (Pierre Deladonchamps) na travessia pelas margens do lago onde os homens cruzam olhares e procuram ter sexo; se masturbam enquanto veem, como num filme porno, os escondidos do arvoredo do bosque; ou então esperam o momento em que poderão ser simplesmente amados. O tom, presente a partir do primeiro plano, é de temor – a morte e o crime andam de mãos dadas e, depois de confrontadas, a decisão de Franck é a mais louca e romântica: amar o homem que já viu matar.

Guiraudie partilha a obsessão do protagonista expondo a absoluta beleza do "desconhecido" do título (Christophe Paou), de tal modo que o nosso referente viaja em torno da sedução de Tom Selleck, verdadeiro ícone *gay*.

João Pedro descreveu Guiraudie como um dos "cineastas mais livres do mundo", que trabalha



João Pedro Rodrigues (esquerda) foi presidente do júri que premiou Alain Guiraudie

"uma forma muito particular de pensar sobre o cinema" e de "refletir sobre os géneros". Aqui, ao contrário dos anteriores registos de comédia da obra do realizador francês (e que poderemos ver na retrospectiva que decorre no LEFF), o cómico e o burlesco interentam-se com a tragédia e a angústia, sem a "leveza na gravidade" que poderemos encontrar nos restantes títulos mas partindo do princípio de que "o riso participa no *suspense*". Estamos, para o português, peran-

te um filme com uma beleza renoureniana que trabalha "uma *mise-en-scène* precisa" e que desconstrói a natureza "como um espaço arquitetural" modelado pela emoção. Essa construção, completou o francês, foi também "escrita através da montagem". O crítico Francisco Ferreira participou na conversa para lembrar que no filme "há qualquer coisa de terminal, de fim de sonho total", confirmando um registo naturalista permeável ao fantástico.

"Atualmente, qualquer jovem tem acesso à pornografia", evidenciou Guiraudie, explicando a sua demanda em desassociar o sexo ao porno, "conectá-lo ao amor, à palavra, à duração, à história" (valores que o mundo moderno está a perder), "ligá-lo a algo que caminha até à transgressão" e "devolver ao operariado um sentido de intimidade, sexualidade e sensualidade". Daí que as cenas explícitas sejam entendidas como um "gesto político", o que acontece com aquele lago, "espaço democrático onde todos têm o seu lugar".

Lisbon & Estoril
Film Festival